



CARTA ENCÍCLICA

MISERENTISSIMUS REDEMPTOR

DO SUMO PONTÍFICE

PAPA PIO XI

SOBRE A REPARAÇÃO AO SAGRADO CORAÇÃO

AOS NOSSOS VENERÁVEIS IRMÃOS, PATRIARCAS, PRIMAZES,
ARCEBISPOS E OUTROS ORDINÁRIOS LOCAIS
EM PAZ E COMUNHÃO COM A SÉ APOSTÓLICA.

Veneráveis Irmãos, Saúde e Bênção Apostólica.

Nosso Redentor Misericordioso, depois de ter alcançado a salvação para a humanidade na árvore da Cruz e antes de ascender deste mundo para o Pai, disse aos seus Apóstolos e Discípulos, para consolá-los em sua ansiedade: “Eis que estou convosco todos os dias, até o fim do mundo” (Mt 28, 20). Estas palavras, que são realmente muito agradáveis, são motivo de toda a esperança e segurança, e trazem-nos, Veneráveis Irmãos, pronto socorro, sempre que olhamos em volta desta torre de vigia erguida no alto e vemos toda a sociedade humana a trabalhar em meio a tantos males e misérias, e a própria Igreja assediada sem cessar por ataques e maquinações. Pois, assim como no início esta promessa divina levantou o ânimo desanimado dos Apóstolos e os inflamou e encorajou para que pudessem espalhar as sementes do ensinamento do Evangelho por todo o mundo, assim também, desde então, ela tem fortalecido a Igreja para sua vitória sobre as portas do inferno. Na verdade, Nosso Senhor Jesus Cristo esteve com a sua Igreja em todas as épocas, mas esteve com ela com mais ajuda e proteção sempre que ela foi atacada por perigos e dificuldades mais graves. Pois os remédios adaptados à condição do tempo e das circunstâncias são sempre fornecidos pela Sabedoria Divina, que alcança de um extremo ao outro com poder e ordena todas as coisas com doçura (Sb 8, 1). Mas também nesta última época, “a mão do Senhor não está encurtada” (Is 59, 1), mais

especialmente desde que o erro se insinuou e se espalhou por toda parte, de modo que se poderia temer que as fontes da vida cristã estivessem de certa forma secas, onde os homens estão separados do amor e do conhecimento de Deus. Agora, como pode ser que algumas pessoas não conheçam e outras não deem atenção às queixas que o amoroso Jesus fez quando se manifestou a Margarida Maria Alacoque, e às coisas que Ele pediu e esperava dos homens, para seu próprio benefício final, é nosso prazer, Veneráveis Irmãos, falar-vos um pouco sobre o dever de honrosa satisfação que todos nós devemos ao Sagrado Coração de Jesus, com a intenção de que cada um de vós ensine cuidadosamente aos vossos rebanhos as coisas que vos apresentamos e os incentive a pô-las em prática.

2. Entre as muitas provas da benignidade infinita do nosso Redentor, há uma que se destaca de forma notável, a saber, o fato de que, quando a caridade do povo cristão estava esfriando, a própria Caridade Divina foi estabelecida para ser honrada por uma adoração especial, e as riquezas de sua generosidade foram amplamente manifestadas por essa forma de devoção em que se adora o Sagrado Coração de Jesus, “em quem estão escondidos todos os tesouros da sabedoria e do conhecimento” (Cl 2, 3). Pois, assim como nos tempos antigos, quando a humanidade saiu da arca de Noé, Deus colocou o seu “arco nas nuvens” (Gn 9, 13), brilhando como sinal de uma aliança amigável; assim, nos tempos mais turbulentos de uma era mais recente, quando a heresia jansenista, a mais astuta de todas, hostil ao amor e à piedade para com Deus, se insinuava e pregava que Deus não devia ser amado como um pai, mas sim temido como um juiz implacável; então o benigníssimo Jesus mostrou o seu Santíssimo Coração às nações, erguido como um estandarte de paz e caridade, prenunciando uma vitória indubitável na luta. E, de fato, nosso predecessor de feliz memória, Leão XIII, admirando a oportunidade oportuna da devoção ao Sagrado Coração de Jesus, disse muito apropriadamente em sua Carta Encíclica, “Annum Sacrum”: “Quando, nos dias próximos à sua origem, a Igreja estava oprimida sob o jugo dos Césares, a Cruz mostrada no alto ao jovem Imperador foi ao mesmo tempo um presságio e uma causa da vitória que rapidamente se seguiu. E aqui, hoje, outro sinal auspicioso e divino se oferece à nossa vista, a saber, o Sagrado Coração de Jesus, com uma cruz colocada acima dele, brilhando com resplendor no meio das chamas. Nele devem ser depositadas todas as esperanças, dele deve ser buscada e esperada a salvação dos homens”.

3. E isso é verdade, Veneráveis Irmãos. Pois não está a essência de toda a religião e, portanto, o modelo de uma vida mais perfeita, contida nesse sinal

auspicioso e na forma de piedade que dele decorre, na medida em que conduz mais facilmente as mentes dos homens a um conhecimento íntimo de Cristo Nosso Senhor e move mais eficazmente os seus corações a amá-Lo mais veementemente e a imitá-Lo mais de perto? Não é de se admirar, portanto, que nossos predecessores tenham defendido constantemente essa forma de devoção tão aprovada das censuras dos caluniadores, e a tenham exaltado com grandes elogios e promovido com muito zelo, conforme as necessidades do tempo e das circunstâncias exigiam. Além disso, pela inspiração da graça de Deus, aconteceu que a piedosa devoção dos fiéis ao Sagrado Coração de Jesus aumentou muito ao longo do tempo; por isso, confrarias piedosas para promover a adoração do Coração Divino são erigidas em toda parte, e também o costume de receber a Sagrada Comunhão na primeira sexta-feira de cada mês, segundo o desejo de Cristo Jesus, um costume que agora prevalece em toda parte.

4. Mas, certamente, entre as coisas que pertencem propriamente ao culto do Sagrado Coração, um lugar especial deve ser dado à Consagração, pela qual nos dedicamos a nós mesmos e a todas as coisas que nos pertencem ao Coração Divino de Jesus, reconhecendo que recebemos todas as coisas do amor eterno de Deus. Quando Nosso Salvador ensinou a Margarida Maria, a discípula mais inocente do Seu Coração, o quanto Ele desejava que esse dever de devoção lhe fosse prestado pelos homens, movido não tanto pelo Seu próprio direito, mas pela Sua imensa caridade por nós, ela mesma, com seu pai espiritual, Cláudio de la Colombiere, foi a primeira a prestá-lo. Depois, com o passar do tempo, seguiram-se homens individuais, depois famílias e associações privadas e, por último, magistrados civis, cidades e reinos. Mas, desde o século passado e neste século, as coisas chegaram a tal ponto que, pelas maquinações de homens perversos, a soberania de Cristo Nosso Senhor foi negada e a guerra foi declarada publicamente contra a Igreja, através da aprovação de leis e da promoção de plebiscitos repugnantes à lei divina e natural, e ainda mais através da realização de assembleias daqueles que clamam: “Não queremos que este homem reine sobre nós” (Lc 19, 14): da consagração acima mencionada irrompeu contra eles, em acirrada oposição, a voz de todos os devotos do Sagrado Coração, como se fosse uma só voz, para defender a Sua glória e afirmar os Seus direitos: “Cristo deve reinar” (1 Cor 15, 25); “Venha a nós o vosso reino” (Mt 6, 10). A partir disso, finalmente aconteceu que, no início deste século, toda a raça humana, que Cristo, em quem todas as coisas são restabelecidas (Ef 1, 10), possui por direito natural como Sua, foi dedicada ao mesmo Sagrado Coração, com o

aplauso de todo o mundo cristão, por Nosso predecessor de feliz memória, Leão XIII.

5. Agora, essas coisas que começaram de forma tão auspiciosa e feliz, como ensinamos em nossa Carta Encíclica “Quas primas”, nós mesmos, consentindo com muitos desejos e orações prolongados dos bispos e do povo, levamos a cabo e aperfeiçoamos, pela graça de Deus, quando, no final do Ano Jubilar, instituímos a Festa de Cristo Rei de Todos, para ser celebrada solenemente em todo o mundo cristão. Ao fazê-lo, não só pusemos em evidência a suprema soberania que Cristo detém sobre todo o universo, sobre a sociedade civil e doméstica e sobre cada homem, mas, ao mesmo tempo, antecipámos as alegrias daquele dia auspicioso, em que todo o mundo prestará de bom grado e voluntariamente obediência ao dulcíssimo senhorio de Cristo Rei. Por esta razão, decretamos ao mesmo tempo que esta mesma Consagração fosse renovada todos os anos por ocasião daquele dia festivo designado, para que o fruto desta mesma Consagração pudesse ser obtido com mais certeza e abundância, e todos os povos pudessem se unir na caridade cristã e na reconciliação da paz, no Coração do Rei dos reis e Senhor dos senhores.

6. Mas a todos esses deveres, mais especialmente àquela fecunda Consagração que foi de certa forma confirmada pela solene solenidade de Cristo Rei, algo mais deve ser acrescentado, e é sobre isso que temos o prazer de falar mais longamente convosco, Veneráveis Irmãos, nesta ocasião: referimo-nos ao dever de honrosa satisfação ou reparação que deve ser prestado ao Santíssimo Coração de Jesus. Pois se a primeira e principal coisa na Consagração é que o amor da criatura seja dado em troca do amor do Criador, outra coisa decorre imediatamente disso, a saber, que ao mesmo Amor incriado, se ele tiver sido negligenciado por esquecimento ou violado por ofensa, alguma forma de compensação deve ser prestada pela injúria, e essa dívida é comumente chamada pelo nome de reparação.

7. Agora, embora em ambas as questões sejamos movidos pelos mesmos motivos, não deixamos de estar sujeitos ao dever de reparação e expiação por um título mais válido de justiça e amor, de justiça, de fato, para que a ofensa causada a Deus pelos nossos pecados seja expiada e a ordem violada seja reparada pela penitência; e também de amor, para que possamos sofrer junto com Cristo, que sofreu e “foi cheio de injúrias” (Lm 3, 30), e para que toda a nossa pobreza possa oferecer-Lhe algum pequeno consolo. Pois, como todos somos pecadores e carregados de muitas faltas, nosso Deus deve ser honrado por nós não apenas pela

adoração com que adoramos Sua infinita Majestade com a devida homenagem, ou reconhecemos Seu domínio supremo pela oração, ou louvamos Sua generosidade sem limites pela ação de graças; mas, além disso, precisamos satisfazer a Deus, o justo vingador, “por nossos inúmeros pecados, ofensas e negligências”. À consagração, portanto, pela qual nos dedicamos a Deus e somos chamados de santos para Deus, por aquela santidade e estabilidade que, como ensina o Doutor Angélico, é própria da consagração (2da. 2dae. qu. 81, a. 8. c.), deve ser acrescentada a expiação, pela qual os pecados são totalmente apagados, para que a santidade da justiça suprema não castigue nossa indignidade vergonhosa e rejeite nossa oferta como odiosa, em vez de aceitá-la como agradável.

8. Além disso, esse dever de expiação recai sobre toda a raça humana, pois, como nos ensina a fé cristã, após a miserável queda de Adão, infectada pela mancha hereditária, sujeita às concupiscências e miseravelmente depravada, ela teria sido lançada na destruição eterna. Isso é negado pelos sábios da nossa época, que, seguindo o antigo erro de Pelágio, atribuem à natureza humana uma certa virtude nativa pela qual ela pode, por sua própria força, avançar para coisas mais elevadas; mas o Apóstolo rejeita essas falsas opiniões do orgulho humano, admoestando-nos que “éramos por natureza filhos da ira” (Ef 2, 3). E, de fato, desde o início, os homens reconheceram de certa forma essa dívida comum de expiação e, guiados por um certo instinto natural, procuraram apaziguar a Deus com sacrifícios públicos.

9. Mas nenhum poder criado era suficiente para expiar os pecados dos homens, se o Filho de Deus não tivesse assumido a natureza humana para redimi-la. Isso, de fato, o próprio Salvador dos homens declarou pela boca do sagrado salmista: “Tu não quiseste sacrifício nem oblação, mas me preparaste um corpo; holocaustos e expiações pelo pecado não te agradaram; então eu disse: Eis que venho” (Hb 10, 5-7). E, de fato, “Ele tomou sobre si as nossas enfermidades e carregou as nossas dores... Ele foi ferido por nossas iniquidades” (Is 53, 4-5), e Ele mesmo levou nossos pecados em seu corpo sobre a árvore... (1 Pd 2, 24), “Apagando a cédula que nos era contrária, que nos era prejudicial. E Ele o tirou do caminho, prendendo-o à cruz...” (Cl 2, 14) “para que, mortos para os pecados, vivamos para a justiça” (1 Pd 2, 24). No entanto, embora a redenção abundante de Cristo tenha perdoado abundantemente todas as nossas ofensas (cf. Cl 2, 13), não obstante, por causa daquela maravilhosa dispensação divina pela qual as coisas que faltam aos sofrimentos de Cristo devem ser completadas em nossa carne para o Seu corpo, que é a Igreja (cf. Cl 1, 24), aos louvores e satisfações “que Cristo, em nome dos pecadores,

prestou a Deus”, podemos também acrescentar os nossos louvores e satisfações, e, na verdade, convém-nos fazê-lo. Mas devemos sempre lembrar que toda a virtude da expiação depende do único sacrifício sangrento de Cristo, que sem interrupção de tempo é renovado em nossos altares de maneira incruenta, “pois a vítima é uma e a mesma, a mesma que agora é oferecida pelo ministério dos sacerdotes, que então se ofereceu na cruz, sendo diferente apenas a maneira de oferecer” (Concílio de Trento, Sessão XXIII, Capítulo 2). Portanto, a este augusto Sacrifício Eucarístico deve juntar-se uma oblação tanto dos ministros como de todos os fiéis, para que também eles possam “apresentar-se como sacrifícios vivos, santos e agradáveis a Deus” (Rm 12, 1). Mais ainda, São Cipriano não hesita em afirmar que “o sacrifício do Senhor não é celebrado com legítima santificação, a menos que nossa oblação e sacrifício correspondam à Sua paixão” (Efésios 63). Por esta razão, o Apóstolo nos adverte que “levando em nosso corpo a mortificação de Jesus” (2 Cor 4, 10), e sepultados com Cristo, e plantados juntamente com Ele na semelhança da Sua morte (cf. Rm 6, 4-5), não devemos apenas crucificar a nossa carne com os vícios e concupiscências (cf. Gl 5, 24), “fugindo da corrupção da concupiscência que há no mundo” (2 Pd 1, 4), mas “para que a vida de Jesus se manifeste em nossos corpos” (2 Cor 4, 10) e, tornando-nos participantes de Seu sacerdócio eterno, devemos oferecer “dádivas e sacrifícios pelos pecados” (Hb 5, 1). Não são apenas aqueles que o nosso Pontífice Cristo Jesus usa como Seus ministros para oferecer a oblação pura ao Nome de Deus em todos os lugares, desde o nascer do sol até ao seu ocaso (Ml 1, 11), que desfrutam da participação neste sacerdócio místico e no ofício de satisfazer e sacrificar, mas todo o povo cristão, justamente chamado pelo Príncipe dos Apóstolos de “geração eleita, sacerdócio real” (1 Pd 2, 9), deve oferecer pelos pecados tanto por si mesmo como por toda a humanidade (cf. Hb 5, 3), da mesma forma que todo sacerdote e pontífice “tirado dentre os homens, é ordenado para os homens nas coisas que pertencem a Deus” (Hb 5, 1).

10. Mas quanto mais perfeitamente nossa oblação e sacrifício corresponderem ao sacrifício de Nosso Senhor, ou seja, quanto mais perfeitamente tivermos imolado nosso amor e nossos desejos e crucificado nossa carne por meio daquela crucificação mística de que fala o Apóstolo, mais abundantes serão os frutos dessa propiciação e expiação que receberemos para nós mesmos e para os outros. Pois existe uma união maravilhosa e íntima de todos os fiéis com Cristo, tal como a que prevalece entre a cabeça e os outros membros; além disso, por meio da mística Comunhão dos Santos que professamos no credo católico, tanto os

indivíduos como os povos estão unidos não só entre si, mas também com Ele, “que é a cabeça, Cristo; do qual todo o corpo, bem ajustado e unido, por meio de todas as juntas que o sustentam, segundo a operação de cada parte na medida da sua força, faz crescer o corpo para a edificação de si mesmo na caridade” (Ef 4, 15-16). Foi isso, de fato, que o Mediador entre Deus e os homens, Cristo Jesus, quando estava perto da morte, pediu a Seu Pai: “Eu neles, e tu em mim, para que sejam aperfeiçoados em unidade” (Jo 17, 23).

11. Portanto, assim como a consagração proclama e confirma essa união com Cristo, também a expiação inicia essa mesma união, lavando as faltas, aperfeiçoando-a pela participação nos sofrimentos de Cristo e consumando-a pela oferta de vítimas pelos irmãos. E este era, de fato, o propósito do misericordioso Jesus, quando nos mostrou Seu Coração, ostentando os símbolos da paixão e exibindo as chamas do amor, para que, por um lado, pudéssemos conhecer a infinita malícia do pecado e, por outro, admirar a infinita caridade de Nosso Redentor, e assim pudéssemos ter um ódio mais veemente pelo pecado e retribuir com mais ardor o Seu amor.

12. E, na verdade, o espírito de expiação ou reparação sempre ocupou o primeiro e principal lugar na adoração prestada ao Sagrado Coração de Jesus, e nada está mais de acordo com a origem, o caráter, o poder e as práticas distintivas dessa forma de devoção, como se depreende dos registros da história e dos costumes, bem como da sagrada liturgia e dos atos dos Sumos Pontífices. Pois quando Cristo se manifestou a Margarida Maria e lhe declarou a infinitude do Seu amor, ao mesmo tempo, como um enlutado, Ele lamentou que tantos e tão grandes danos Lhe fossem causados por homens ingratos - e desejamos que estas palavras com as quais Ele fez esta queixa fiquem gravadas na mente dos fiéis e nunca sejam apagadas pelo esquecimento: “Contemplem este Coração”, disse Ele, “que tanto amou os homens e os cobriu de todos os benefícios, e por este amor sem limites não recebeu em troca senão negligência e desprezo, e isso muitas vezes daqueles que estavam vinculados por uma dívida e um dever de um amor mais especial”. Para que essas faltas fossem lavadas, Ele recomendou então várias coisas a serem feitas, e em particular as seguintes, como as mais agradáveis a Ele, a saber, que os homens se aproximassem do Altar com o propósito de expiar os pecados, fazendo o que se chama de Comunhão de Reparação, e que também fizessem súplicas e orações expiatórias, prolongadas por uma hora inteira, o que é corretamente chamado de “Hora Santa”.

Esses exercícios piedosos foram aprovados pela Igreja e também foram enriquecidos com indulgências abundantes.

13. Mas como esses ritos de expiação podem trazer consolo agora, quando Cristo já reina na bem-aventurança do Céu? A isso podemos responder com algumas palavras de Santo Agostinho que são muito apropriadas aqui: “Dê-me alguém que ame, e ele compreenderá o que digo” (In Johannis evangelium, tract. XXVI, 4).

Para qualquer pessoa que tenha um grande amor a Deus, se ela olhar para trás, através do trato do tempo passado, poderá meditar sobre Cristo e vê-Lo trabalhando pelo homem, sofrendo, passando pelas maiores dificuldades, “por nós, homens, e pela nossa salvação”, quase exausto de tristeza, de angústia, sim, “ferido por nossos pecados” (Is 53, 5), e nos curando com Suas feridas. E as mentes dos piedosos meditam sobre todas essas coisas com mais verdade, porque os pecados dos homens e seus crimes cometidos em todas as épocas foram a causa pela qual Cristo foi entregue à morte, e agora também eles trariam a morte a Cristo, unidos às mesmas dores e sofrimentos, uma vez que cada pecado, à sua maneira, é considerado como renovando a paixão de Nosso Senhor: “Crucificando novamente para si mesmos o Filho de Deus e fazendo dele motivo de escárnio” (Hb 6, 6). Ora, se, por causa dos nossos pecados, que ainda estavam no futuro, mas eram previstos, a alma de Cristo ficou triste até a morte, não há dúvida de que, também naquela ocasião, Ele já derivou algum consolo da nossa reparação, que também era prevista, quando “apareceu-Lhe um anjo do céu” (Lc 22, 43), para que o seu Coração, oprimido pelo cansaço e pela angústia, pudesse encontrar consolo. E assim, mesmo agora, de uma maneira maravilhosa, mas verdadeira, podemos e devemos consolar aquele Sagrado Coração que é continuamente ferido pelos pecados dos homens ingratos, pois — como também lemos na sagrada liturgia — o próprio Cristo, pela boca do salmista, queixa-se de ter sido abandonado por seus amigos: “Meu coração esperava reprovção e miséria, e eu procurava alguém que se entristecesse comigo, mas não havia ninguém; e alguém que me consolasse, e não encontrei ninguém” (Sl 68, 21).

14. A isso pode-se acrescentar que a paixão expiatória de Cristo é renovada e, de certa forma, continuada e cumprida em Seu corpo místico, que é a Igreja. Pois, para usar mais uma vez as palavras de Santo Agostinho, “Cristo sofreu tudo o que lhe cabia sofrer; agora nada falta à medida dos sofrimentos. Portanto, os

sofrimentos foram cumpridos, mas na cabeça; ainda restavam os sofrimentos de Cristo em Seu corpo” (Sl 86). Isto, de fato, o próprio Nosso Senhor Jesus se dignou explicar quando, falando a Saulo, “ainda respirando ameaças e mortes” (At 9, 1), disse: “Eu sou Jesus, a quem tu persegues” (At 9, 5), significando claramente que, quando se levantam perseguições contra a Igreja, o próprio Chefe Divino da Igreja é atacado e perturbado. Portanto, com razão Cristo, ainda sofrendo em Seu corpo místico, deseja que sejamos participantes de Sua expiação, e isso também é exigido por nossa íntima união com Ele, pois, sendo nós “o corpo de Cristo e membros de um membro” (1 Cor 12, 27), tudo o que a cabeça sofre, todos os membros devem sofrer com ela (cf. 1 Cor 12, 26).

15. Agora, quão grande é a necessidade dessa expiação ou reparação, mais especialmente em nossa época, ficará evidente para todos aqueles que, como dissemos no início, examinarão o mundo, “sentado na maldade” (1 Jo 5, 19), com os olhos e com a mente. Pois, de todos os lados, chega até nós o clamor dos povos que choram, e seus príncipes ou governantes realmente se levantaram e se uniram contra o Senhor e contra Sua Igreja (cf. Sl 2, 2). Em todas essas regiões, vemos que todos os direitos, tanto humanos quanto divinos, estão confusos. Igrejas são derrubadas e destruídas, religiosos e virgens sagradas são arrancados de seus lares e afligidos com abusos, barbaridades, fome e prisão; grupos de meninos e meninas são arrancados do seio de sua mãe, a Igreja, e induzidos a renunciar a Cristo, a blasfemar e a tentar os piores crimes de luxúria; todo o povo cristão, tristemente desanimado e perturbado, está continuamente em perigo de se afastar da fé ou de sofrer a morte mais cruel. Estas coisas são, na verdade, tão tristes que se poderia dizer que tais acontecimentos prenunciam e pressagiam o “começo das dores”, isto é, daquelas que serão trazidas pelo homem do pecado, “que se exalta acima de tudo o que se chama Deus ou é objeto de culto” (2 Ts 2, 4).

16. Mas é ainda mais lamentável, Veneráveis Irmãos, que entre os próprios fiéis, lavados no Batismo com o sangue do Cordeiro imaculado e enriquecidos com a graça, encontram-se tantos homens de todas as classes, que, trabalhando sob uma incrível ignorância das coisas divinas e infectados por falsas doutrinas, longe da casa de seu Pai, levam uma vida envolvida em vícios, uma vida que não é iluminada pela luz da verdadeira fé, nem alegrada pela esperança da bem-aventurança futura, nem refrescada e acalentada pelo fogo da caridade; de modo que parecem realmente estar sentados nas trevas e na sombra da morte. Além disso, entre os fiéis há um descuido cada vez maior pela disciplina eclesiástica e pelas antigas

instituições nas quais se baseia toda a vida cristã, pelas quais a sociedade doméstica é governada e a santidade do casamento é salvaguardada; a educação dos filhos é totalmente negligenciada ou então é depravada por bajulações excessivamente indulgentes, e a Igreja é até mesmo privada do poder de dar aos jovens uma educação cristã; há um triste esquecimento da modéstia cristã, especialmente na vida e no vestuário das mulheres; há uma cobiça desenfreada por coisas transitórias, uma falta de moderação nos assuntos cívicos, uma ambição ilimitada pelo favor popular, uma depreciação da autoridade legítima e, por último, um desprezo pela palavra de Deus, pelo qual a própria fé é ferida ou colocada em perigo iminente.

17. Mas todos esses males culminam, por assim dizer, na covardia e na preguiça daqueles que, à maneira dos discípulos adormecidos e fugitivos, vacilantes em sua fé, abandonam miseravelmente Cristo quando Ele é oprimido pela angústia ou cercado pelos satélites de Satanás, e na perfídia daqueles outros que, seguindo o exemplo do traidor Judas, participam da mesa sagrada de forma precipitada e sacrílega, ou passam para o campo do inimigo. E assim, mesmo contra a nossa vontade, surge na mente o pensamento de que agora se aproximam os dias que Nosso Senhor profetizou: “E, por se multiplicar a iniquidade, o amor de muitos esfriará” (Mt 24, 12).

18. Agora, todos os fiéis que ponderaram piedosamente sobre todas essas coisas devem necessariamente inflamar-se com a caridade de Cristo em Sua agonia e envidar esforços mais veementes para expiar suas próprias faltas e as dos outros, para reparar a honra de Cristo e promover a salvação eterna das almas. E, de fato, aquela frase do Apóstolo: “Onde abundou o pecado, superabundou a graça” (Rm 5, 20) pode ser usada para descrever a era atual; pois, embora a maldade dos homens tenha aumentado consideravelmente, ao mesmo tempo, pela inspiração do Espírito Santo, houve um aumento maravilhoso no número de fiéis de ambos os sexos que, com mente ansiosa, se esforçam para satisfazer as muitas ofensas oferecidas ao Coração Divino, e mais ainda, não hesitam em se oferecer a Cristo como vítimas. Pois, de fato, se alguém refletir com amor sobre as coisas de que temos falado e as fixar profundamente em sua mente, não poderá deixar de recuar com horror de todo pecado como do maior mal e, mais do que isso, se entregará totalmente à vontade de Deus e se esforçará para reparar a honra ferida da Divina Majestade, tanto pela oração constante quanto pelas mortificações voluntárias, suportando

pacientemente as aflições que lhe sobrevêm e, por fim, dedicando toda a sua vida a este exercício de expiação.

19. E por essa razão também foram criadas muitas famílias religiosas de homens e mulheres cujo objetivo é, por meio de um serviço sincero, tanto de dia quanto de noite, de alguma forma cumprir a função do Anjo que consolou Jesus no jardim; daí surgem certas associações de homens piedosos, aprovadas pela Sé Apostólica e enriquecidas com indulgências, que assumem esse mesmo dever de expiação, um dever que deve ser cumprido por meio de exercícios adequados de devoção e das virtudes; daí, por fim, para omitir outras coisas, surgem as devoções e demonstrações solenes com o objetivo de reparar a honra divina ofendida, que são inauguradas em todos os lugares, não apenas por membros piedosos dos fiéis, mas por paróquias, dioceses e cidades.

20. Sendo assim, Veneráveis Irmãos, assim como o rito da consagração, que teve um início humilde e depois se propagou mais amplamente, foi finalmente coroado de sucesso pela nossa confirmação; assim, da mesma forma, desejamos sinceramente que este costume de expiação ou reparação piedosa, há muito introduzido e propagado com devoção, seja também mais firmemente sancionado pela nossa autoridade apostólica e celebrado mais solenemente por toda a Igreja Católica. Por isso, decretamos e ordenamos que todos os anos, na Festa do Sagrado Coração de Jesus, - festa que, por ocasião desta, ordenamos que seja elevada ao grau de dupla de primeira classe com oitava - em todas as igrejas do mundo inteiro, a mesma oração expiatória ou declaração, como é chamada, ao Nosso amantíssimo Salvador, redigida com as mesmas palavras de acordo com a cópia anexada a esta carta, seja solenemente recitada, para que todas as nossas faltas sejam lavadas com lágrimas e seja feita reparação pelos direitos violados de Cristo, o Rei supremo e Nosso amantíssimo Senhor.

21. Certamente não há motivo para duvidar, Veneráveis Irmãos, que dessa devoção piedosamente estabelecida e ordenada a toda a Igreja, muitos benefícios excelentes fluirão não apenas para os indivíduos, mas também para a sociedade, sagrada, civil e doméstica, visto que o próprio nosso Redentor prometeu a Margarida Maria que “todos aqueles que prestassem essa honra ao Seu Coração seriam dotados de uma abundância de graças celestiais”. Os pecadores, de fato, olhando para Aquele a quem traspassaram (Jo 19, 37), movidos pelos suspiros e lágrimas de toda a Igreja, lamentando as ofensas oferecidas ao Rei supremo,

voltarão ao coração (Is 46, 8), para que, endurecidos em suas faltas, quando virem Aquele a quem traspassaram “vindo nas nuvens do céu” (Mt 26, 64), se lamentarão tarde demais e em vão por causa dele (cf. Ap 1, 7). Mas os justos serão justificados e ainda serão santificados (cf. Ap 22, 11) e se dedicarão inteiramente e com novo ardor ao serviço de seu Rei, quando O virem desprezado, atacado e assaltado com tantos e tão grandes insultos, mas, acima de tudo, arderão de zelo pela salvação eterna das almas, quando tiverem ponderado sobre a queixa da Vítima Divina: “Que proveito há no meu sangue?” (Sl 29, 10), e igualmente sobre a alegria que será sentida pelo mesmo Sagrado Coração de Jesus “por um pecador que se arrepende” (Lc 15, 10). E isto, de fato, desejamos mais especialmente e veementemente e esperamos com confiança, que o Deus justo e misericordioso, que teria poupado Sodoma por causa de dez homens justos, estará muito mais disposto a poupar toda a raça humana, quando for movido pelas humildes súplicas e felizmente apaziguado pelas orações da comunidade dos fiéis que rezam juntos em união com Cristo, seu Mediador e Cabeça, em nome de todos. E agora, por último, que a benigníssima Virgem Mãe de Deus sorria para este propósito e para estes nossos desejos; pois, uma vez que ela nos deu Jesus, nosso Redentor, e O nutriu, e O ofereceu como vítima na Cruz, pela sua união mística com Cristo e pela Sua graça muito especial, ela também se tornou e é piedosamente chamada de reparadora. Confiando na sua intercessão junto de Cristo, que, sendo o “único mediador entre Deus e os homens” (1 Tm 2, 5), escolheu fazer da sua Mãe a advogada dos pecadores e a ministra e mediadora da graça, como penhor dos dons celestiais e como sinal do nosso afeto paternal, concedemos com muito amor a Bênção Apostólica a vós, Veneráveis Irmãos, e a todo o rebanho confiado aos vossos cuidados.

Dado em Roma, em São Pedro, no oitavo dia de maio de 1928, no sétimo ano do Nosso Pontificado.

Ato de Reparação ao Sacratíssimo Coração de Jesus

Dulcíssimo Jesus, cuja infinita caridade para com os homens é por eles tão ingratamente correspondida com esquecimentos, friezas e desprezos, eis-nos aqui prostrados na Vossa presença, para Vos desagradarmos, com especiais homenagens, da frieza tão insensata e das injúrias com que é de toda parte alvejado o Vosso amorosíssimo coração.

Reconhecendo, porém, com a mais profunda dor, que também nós mais de uma vez cometemos as mesmas indignidades, para nós, em primeiro lugar, imploramos a Vossa misericórdia, prontos a expiar não só as próprias culpas, senão também as daqueles que, errando longe do caminho da salvação, ou se obstinam na sua infidelidade, não Vos querendo como pastor e guia, ou, desprezando as promessas do batismo, sacudiram o suavíssimo jugo da Vossa santa lei.

De todos estes tão deploráveis crimes, Senhor, queremos nós hoje desagradar-Vos, mais particularmente da licença dos costumes e imodéstia do vestido, de tantos laços de corrupção armados à inocência, da violação dos dias santificados, das blasfêmias contra Vós e Vossos Santos, dos insultos ao Vosso Vigário e a todo o Vosso clero, do desprezo e das horrendas e sacrílegas profanações do Sacramento do divino amor e, enfim, dos atentados e rebeldias das nações contra os direitos e o Magistério da Vossa Igreja.

Oh! Se pudéssemos lavar com o próprio sangue tantas iniquidades!

Entretanto, para reparar a honra divina ultrajada, vos oferecemos, juntamente com os merecimentos da Virgem Mãe, de todos os santos e almas piedosas, aquela infinita satisfação, que Vós oferecestes ao eterno Pai sobre a cruz, e que não cessais de renovar todos os dias sobre nossos altares.

Ajudai-nos Senhor, com o auxílio da Vossa graça, para que possamos, como é nosso firme propósito, com a vivência da fé, com a pureza dos costumes, com a fiel observância da lei e caridade evangélicas, reparar todos os pecados cometidos por nós e por nosso próximo, impedir, por todos os meios, novas injúrias à Vossa divina Majestade e atrair ao Vosso serviço o maior número de almas possível.

Recebei, ó benigníssimo Jesus, pelas mãos de Maria santíssima reparadora, a espontânea homenagem deste nosso desagravo, e concedei-nos a grande graça de perseverarmos constantes, até à morte, no fiel cumprimento de nossos deveres e no

Vosso santo serviço, para que possamos chegar todos à pátria bem-aventurada, onde Vós com o Pai e o Espírito Santo viveis e reinais por todos os séculos dos séculos. Amém.

Pio XI

© Direitos autorais reservados pelo Centro de Estudos Léon Dehon – Faculdade Dehoniana.
É permitida a reprodução integral e a livre circulação para fins não lucrativos.
É proibido o plágio e a cópia, total ou parcial, dos textos e desenhos dos autores – para qualquer finalidade – sem citar a fonte.